



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.d@abr.com.br

Os irmãos Ferreira

Com surpresa, recebi a notícia de que Clodo, Clésio (post mortem) e Clímerio (de viva presença) serão homenageados pela Câmara Legislativa do DF com o título de cidadãos honorários de Brasília. Nada mais justo. Algumas vezes, essa Câmara concede títulos a pessoas que ninguém sabe dizer porque ganham tal distinção. Mas, no caso dos irmãos Ferreira, não poderia haver decisão mais acertada. Ainda que tardia, é muito bem-vinda porque eles merecem por tudo que fizeram por Brasília.

Eles deram uma contribuição visível

e invisível para a cidade. Antes do rock da era de ouro da década de 1980, da Legião Urbana, do Capital Inicial e da Plebe Rude, eles levaram o nome de Brasília para as emissoras de rádio, nos programas de tevê, as telenovelas, os boteiros, as praias e os forrós com canções como *Revelação, Ave coração e Cebola cortada*. E, mais tarde, com *Enquanto engoma a calça, Conflito ou Riso cristalino*.

Nós sabíamos que eles eram bons, muito antes de gravar discos ou de fazer sucesso nas vozes de Fagner, Tim Maia, Milton Nascimento, Zizi Possi, MPB4, Fafá de Belém, Elba Ramalho, Nara Leão e Wando. Os shows dos irmãos piauienses sempre lotaram os teatros da cidade.

Eles são amadores na acepção mais alta da palavra. São amantes da música, nunca deixaram de ser professores,

jamas fizeram pose por causa da fama. A música sempre foi a profissão do sono: "A minha mãe dizia no seu silêncio agrônomo/a profissão do sonho não tem salário", escreveu Clímerio.

Sempre mantiveram a postura de humildade, despojamento e despreendimento. E, aqui, entra a dimensão invisível da contribuição dos três irmãos piauienses. Além de comporem lindas canções, eles contribuíram para a formação de várias gerações de brasilienses, estimularam os artistas iniciantes, fizeram parcerias com músicos neófitos. Clímerio escreveu poemas para homenagear 50 poetas da cidade na passagem dos 50 anos da capital modernista. Sem deixar de ser piauienses, eles se tornaram mais brasileiros em Brasília.

Ao longo da vida, recebemos homenagens não oficiais, imprevistas,

imprevisíveis e accidentais. E isso ocorreu também com Clímerio. Certa vez, havia um bar particularmente ruidoso, embaixo do bloco onde Clímerio e a companheira Heloisa moravam na Asa Sul. Algumas vezes, as cantorias varavam a noite e se estendiam até a madrugada. Eles são tolerantes, mas ocorre que, naquela época, tiveram o primeiro filho Matias e ele não conseguia dormir com algaravia dos boêmios da noite brasiliana.

Então, Helo pediu a Clímerio que descesse e convencesse os boêmios a cantar um pouco mais baixo em atenção ao sono do Matias. Todos sabem que é delicado solicitar aos frequentadores de um bar, a altas horas, com muitas cervejas na corrente sanguínea e grau etílico elevado, para que reduzam os decibéis do

entusiasmo. Clímerio buscou o fôlego, se concentrou, foi até a janela sondar o território e voltou desalentado.

Helo perguntou aflita: "E aí, pediu a eles para cantar mais baixo?" "Não tive coragem", respondeu Clímerio, envergonhado. Enquanto isso, no ápice do pleite, era possível ouvir o bar inteiro entoar, a plenos pulmões: "Arrepare não, mas enquanto engoma a calça/eu vou lhe contar/uma história bem curiosa/fácil de contar/Porque cantar parece com não morrer/é igual a não se esquecer/e a vida é que tem razão/como é triste a nossa vida de artista/depois de perder Vilma pra São Paulo/ perder Maria Helena pro dentista".

PS: Vamos prestigiar a homenagem aos irmãos Ferreira, amanhã, às 19h, na Câmara Legislativa.

OBITUÁRIO

Maria Maryland, alfabetizadora dos brasilienses

A cearense tinha 82 anos, dos quais 22 foram dedicados à educação na capital federal. Ela era mãe do ex-deputado distrital Chico Leite e do ex-secretário do GDF Valdir Oliveira

» BRUNA PAUXIS

Acearense Maria Maryland Grangeiro Leite de Oliveira veio para Brasília em julho de 1982. Viu a capital crescer e graduou-se em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Por meio de sua profissão, dedicou a vida a alfabetizar crianças, jovens e adultos. Mãe do procurador de Justiça e ex-deputado distrital Chico Leite (PT) e do ex-diretor superintendente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Distrito Federal (Sebrae-DF) e ex-secretário de Desenvolvimento Econômico de Brasília Valdir Oliveira, a professora aposentada morreu na sexta-feira, aos 82 anos.

Arquivo pessoal



"Nos ensinou a combater o bom combate", afirma Valdir Oliveira

Nas redes sociais, Valdir Oliveira publicou uma foto com a mãe e um poema de Carlos Drummond de Andrade em sua homenagem. "(...) Mãe não morre nunca, mãe ficará sempre junto de seu filho. E ele, velho embora, será pequenino, feito grão de milho", escreveu. Ao Correio, o ex-secretário afirmou: "A dedicação à alfabetização sempre foi sua missão. Minha mãe alfabetizou crianças na escola pública e os adultos que a vida lhe apresentou, porque entendia que era essa a sua missão. Minha mãe deixou um legado de resiliência e coragem que nos ensinou que sempre devemos combater o bom combate. Nunca deixou de votar, defender o que acreditava.

Fé e democracia

"O melhor adjetivo que a descreve é mãe, ela era uma deusa", contou o primogênito, Chico Leite. Ele, que estava todos os dias junto a Maria, disse que guardará carinhosamente a lembrança dos domingos, quando a levava para a missa das 11h na Igrejinha, na EQS 307/308. "É o que ela mais gostava de fazer. Era uma pessoa generosa, uma alma santa", completou. Para o procurador de Justiça, um dos momentos mais marcantes com sua mãe foi quando ela o pediu para levá-la para votar, nas eleições de

2022, no Centro de Ensino Médio Elefante Branco. "Mesmo na cadeira de rodas, com mais de 80 anos, ela estava lá. Queria fazer a parte dela", completou o ex-distrital.

Maria Maryland deixa também o filho Pedro Oliveira — médico, neurologista do Hospital de Base e professor de neurofisiologia da Escola Superior de Ciências da Saúde (Escr) — e cinco netos: Caio Oliveira, Gustavo Oliveira, Rafaela Machado Leite, Lívia Oliveira e Vivian Oliveira. Ela era viúva de Antônio Valdir de Oliveira, auditor fiscal do Tesouro Nacional.

O velório da professora apontada será hoje, no Cemitério Campo da Esperança Asa Sul, na Capela 6, das 9h às 11h.

Cedida ao Correio



Maria Maryland Grangeiro Leite morreu na última sexta-feira, deixando três filhos e cinco netos

Astral Melo, legado de luta pelos trabalhadores

Ed Alves/CB/D.A Press



Na sexta-feira, Brasília também perdeu um importante nome para a história da cidade. Austregésilo Ferreira de Melo, ou Astral Melo como era conhecido, faleceu aos 65 anos. Ele foi fundador do Partido dos Trabalhadores (PT) em Taguatinga ainda nos anos 1980 e também foi secretário geral do partido no DF além de líder sindical dos servidores públicos e companheiro de trabalho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, durante seu primeiro mandato, em 2003. "O Astral era um militante que tinha compromisso de classe, estudioso e extremamente doce. Seu legado e o que fica para o partido é o desejo de transformar a sociedade brasileira e acabar com essas desigualdades", afirmou o presidente do PT-DF, Jacy Afonso. Desde o início dos anos 2000, Astral se dedicava à fotografia, arte pela qual se apaixonou após uma viagem de férias, em 2005. Captando as belezas do Cerrado, principalmente sua fauna, ele chegou a produzir livros-calendário, com lindas imagens do bioma. O velório de Astral será hoje, no Cemitério Campo da Esperança de Taguatinga, às 9h, na capela 3. O enterro está previsto para as 10h.

TRAGÉDIA

PMs morrem em acidente na Asa Sul

» AILIM CABRAL

Faltando cerca de 10 dias para a formatura do curso de formação da Polícia Militar do Distrito Federal, os soldados de 2ª classe Rafael Basílio Arnold dos Santos, 31 anos, e Lucas Souza Diniz Adorni, 28, morreram após um grave acidente de trânsito.

Os dois estavam em um carro, com mais três amigos da mesma turma da PMDF. O veículo se chocou de frente com uma

árvore do canteiro central da via em frente ao Clube do Exército, no Setor de Clubes de Sul. O acidente aconteceu por volta das 23h40 de sexta-feira.

O Correio apurou que os jovens estavam saindo de uma festa da saudade, confraternização em comemoração ao fim do curso. Lucas era filho do delegado da Polícia Civil de Goiás Daniel Felipe Diniz Adorni, que comemorou a entrada do filho na corporação, em dezembro

do ano passado. O militar foi atendido pelo Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF), e durante o socorro sofreu uma parada cardiorrespiratória.

Os bombeiros iniciaram o protocolo de reanimação cardiopulmonar (RCP), porém, apesar dos esforços, ele não resistiu e sua morte foi constatada por um médico ainda no local do acidente. Rafael foi encaminhado para o Hospital de Base

com traumatismo crânioencefálico (TCE) grave, desorientado e com um ferimento na cabeça que ainda estava sangrando. Apesar dos esforços dos socorristas e das equipes médicas, ele não resistiu aos ferimentos e morreu na manhã de ontem.

Entre os outros três ocupantes do carro, um HB2 branco, estavam duas mulheres e um homem. Uma das jovens sofreu traumatismo crânioencefálico grave e, assim como Rafael,

foi levada para o Hospital de Base. Até o momento do fechamento da reportagem não foram divulgados detalhes sobre seu estado de saúde.

Os outros dois ocupantes do veículo sofreram ferimentos menores graves. A mulher tinha lesões na perna e foi para o Hospital Santa Lúcia Norte. O CBMDF não tem informações sobre a dinâmica do acidente e a Polícia Militar

do Distrito Federal foi acionada e ficou responsável pelo local.

Por meio de publicações, a Polícia Militar do Distrito Federal lamentou profundamente o acidente e prestou solidariedade aos familiares e amigos dos envolvidos. O Corpo de Bombeiros também se manifestou: "Nossas homenagens à dedicação, coragem e compromisso com a segurança da população do Distrito Federal demonstrada por Adom e Basílio durante a formação".



Chico Leite: "Me pediu para levá-la para votar nas eleições de 2022"